VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

VENDEDORES DE PASSADO, FAZADORES DE HISTÓRIA;
A HISTÓRIA REPENSADA COM O OLHAR DA LITERATURA.

Rejane Jorge Sidrim*

Sônia Meneses (Orientadora)**

O que a literatura pode ensinar à história? Mais do que isso, o que a literatura têm a dizer sobre o passado e, principalmente, como ela pode significá-lo de maneira a formular novos sentidos sobre o presente? Essas questões foram o ponto de partida dessa pesquisa que teve como objetivo principal pensar sobre a contemporaneidade e os processos de construção de identidade, colonização e pós-colonização, memória e esquecimento em países nos quais esses problemas se tornaram questões capitais no desenvolvimento de suas sociedades no tempo presente. Assim objetivamos entender melhor a relação da literatura como uma fonte histórica, utilizando como principal objeto de pesquisa as obras do autor José Eduardo Agualusa.

Em suas obras, Agualusa constrói cenários que tem como pano de fundo os acontecimentos sociais e político que mobilizaram uma história recente de Angola, em sua fase de pós-colonização. A análise de sua obra nos demonstrou como a obra literária

---

* Bolsista de IC/CNPQ, graduanda do curso de História da Universidade Regional do Cariri-URCA

** Profa. Doutora do departamento de história da Universidade Regional do Cariri-URCA

ISBN: 978-85-98711-10-2

pode dialogar com o real produzindo conteúdos reflexivos para uma dada sociedade. Suas questões construíram um ambiente tenso que ressaltam um processo de crise de identidade na construção da história angolana recente – em que se alternaram diferentes grupos no poder – e conseqüentemente onde ocorreu a substituição de ideologia oficiais em contraposição a busca de um modelo cultural de "angolanidade" provocada pela ruptura com Portugal. Assim, nossas reflexões demonstram que a coexistência de cruzamentos culturais posto em um dinâmico diálogo a partir da literatura de Agualusa.

Encontramos também nessas obras a necessidade da reflexão consciente da busca pela própria história do país, que foi soterrado pela violência das guerras, disputas étnicas e falência econômica. Buscando no passado fatos que possam servir de reinterpretação do tempo presente onde a sociedade tenta recriar sua história, não como um sinal de nostalgia, mas como um sentimento coletivo que procura exorcizar os temores da colonização e da pós – independência, porém o ambiente do pós – colonialismo em Angola implicou em uma revisão significativa dos valores da tradição em relação a uma perspectiva de uma memória violenta, do passado recente.

Coube, portanto, significar os registros do passado, interrogando assim a sociedade para os novos valores a serem priorizados. Esses romances são compostos por formas tradicionais e modernas e é nessa relação temporal entre o passado e o presente que os dois se unem e agem interligados, pois nesses romances o passado constrói o presente e o presente modifica o passado.

Ao trazermos tais questões para o campo da história nos deparamos também com problemas significativos para a própria constituição desse campo do conhecimento na contemporaneidade: qual o espaço do passado em um tempo hipertrofiado pelo presente? Se vivemos um tempo de fragmentação, como encontrar o equilíbrio de compreensão que nos faça considerar as experiências passadas como recursos fundamentais para a preservação de memórias, eventos emblemáticos, artefatos históricos para a gerações futuras?

Se Canclini nos chama atenção que vivemos em um tempo de abundância simbólica, não é menos verdade que hoje, mergulhamos no tempo do excesso de "história" não somente nos termos em que a compreendemos como produção escrita do passado, mas como um conjunto de atitudes que saturam o presente de uma carga

ISBN: 978-85-98711-10-2

descomunal de eventos e situações imediatamente alçandas ao status de ocorrências históricas, algo parecido com o que Nietzsche já havia chamado atenção no século XIX quando reclamava de uma cultura de historicização disseminada como pedra fundamental de uma sociedade para qual preservar o passado tornava-se já naquele momento obsessão.

Àquelas críticas do autor, podemos acrescentar o fato de na atualidade é indiscutível que a quantidade de informação que nos coloca diante do risco de afogarmos em informação, justamente pela incapacidade crescente que demonstramos em não conseguirrmos selecionar o que é relevante para ser guardado.

Desta forma, o final do século XX viu se apresentar de forma pungente o que Huyssen (2000) denominou cultura da memória ou como Rousso (1998) prefere definir: o "tempo da memória". A mudança de sensibilidade sobre as relações com o passado, presente e futuro ganhou novos contornos quando se estabeleceu em diversos países, a tentativa de monumentalização do presente, agora saturado pelos rastros de um passado cada vez mais marcante no cotidiano. Se, como afirmou Koselleck (2002), antes o presente carregava um forte potencial de futuridade, amparado por uma tradição filosófica e religiosa de caráter teleológico, no século XXI assistimos hoje a um presente carregado pela intenção de preservação obsessiva do passado.

Rousso (1998) ressalta ser provável que isso tenha ocorrido porque houve uma dificuldade crescente de se assumir as tragédias do século XX, fazendo com que ocorresse atraso no enfretamento das memórias traumáticas dos conflitos pós-guerra. A profusão de discursos sobre o passado ressaltou a tendência à confusão entre história e memória, principalmente, quando esta última passou a se manifestar como elemento central dos debates públicos da atualidade. Em termos de reflexão acadêmica, essa configuração trouxe também grandes desafios, especialmente, aos historiadores instados a pensar sobre o tempo presente

Outro autor contemporâneo talvez nos ajude a pensar os desafios de trabalharmos com o passado em nosso tempo, Homi Bhabha adverte que para isso a história deve abandonar sua mão-morta, aquela "que conta as contas do tempo

ISBN: 978-85-98711-10-2

seqüencial como um rosário, buscando estabelecer conexões seriais, causais"[1]. O autor incentiva-nos, sobretudo, a investigarmos o trabalho fronteiriço da cultura, posto que, ainda segundo ele, vive-se nas fronteiras de um presente para o qual, "não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo 'pós': pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo..."[2]. No terreno desses "entre - lugares", que também podem ser pensados como lugares midiatizados, organizam-se outras estratégias de subjetivação que desencadeiam novos signos de memórias e identidades.

Dessa maneira esse projeto pretende situar na interseção desse caminho em busca de elementos que possam ajudar na compreensão desse momento, para isso, propõem a reflexão sobre três questões: o papel da literatura como saber que constrói estratégias de ação narrativa que instauram ordens de sentidos e representações sobre o vivido e a história, ciência por excelência que busca compreender as relações dos homens no tempo[3]. Como elemento de unificação para ambos, escolhemos estudar a obra do escritor angolano, José Eduardo Agualusa, escritor contemporâneo que vem se notabilizando por escrever história em que a problemática da pós-colonialismo se tornou tema central.

LITERATURA, MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA

A reflexão sobre tais questões nos solicitou a investigação de temáticas fulcrais em nosso tempo: o transito de sujeitos e grupos humanos em processos diásporicos crescentes, os artifícios de subjetivação das memórias e dos patrimônios históricos e culturais para além de seus lugares de origem, as estratégias de aceitação, rejeição e reconhecimento engendradas por esses grupos em seus lugares de chegada e partida, mas principalmente, a compreensão sobre as diferenças e conexões em um mundo em travessias. Compreender a organização dos países que há pouco mais de um século, ou menos ainda, eram colônia das nações européias tornou-se um dos grandes desafios do século XXI, principalmente, quando o circuito de imigração desses povos em direção

---

1 BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Idem.

2 BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Idem. p. 17.

3 Marc Bloch, apologia da história...

ISBN: 978-85-98711-10-2

aos seus antigos colonizadores trouxe a bailar problemas políticos de constituição de fronteiras, discriminação étnicas e culturais.

Não há como negar que as últimas décadas do século XX impuseram mudanças radicais nas relações dos sujeitos entre si e entre seus grupos de identificação. As relações em espaço culturais intercambiastes o contato de etnias diversas e as conformações sociais se apresentaram como desafios significativos aos estudos que pretendem traduzir tais processos.

No livro, O Vendedor de Passados, pode-se compreender em parte, esses conflitos de adequação e os desafios interculturais de países que durante longos séculos, foram objetos de colonização e subalternização. Agualusa assim, inventa Feliz Ventura, um albino, o branco por contingência, doença que parece-lhe uma maldição, posto que, afirmar sua identidade negra é o maior conflito encontrado pelo personagem. Assim, carrega em si o paradoxo de sua própria sociedade, marcada pela inexorável presença branca, marca nas mínimas paisagens daquele cotidiano.

Felix inventa e vende passados, como se assim, construísse para si e para outros, uma passado ao mesmo tempo tradicional e renovado, inventado e selecionado a partir de um esquecimento comandado.

As questões do autor nos estimulam a pensar que estamos vivemos um tempo de abundância de opções simbólicas. Ao trazermos tais questões para o campo da história nos deparamos também com problemas significativos para a própria constituição desse campo do conhecimento na contemporaneidade: qual o espaço do passado em um tempo hipertrofiado pelo presente? Se vivemos um tempo de fragmentação, como encontrar o equilíbrio de compreensão que nos faça considerar as experiências passadas como recursos fundamentais para a preservação de memórias, eventos emblemáticos, artefatos históricos para as gerações futuras?

O romance *Estação das chuvas* confunde e encanta pela inventividade de uma escrita que constrói uma estranha proximidade entre a lucidez e a loucura, o real e imaginário, o possível e o absurdo ao trata do passado. Através de jogos narrativos, o autor coloca ao leitor o desafio de pensar sobre as tênues fronteiras entre realidade e imaginação. Inicialmente não sabemos ao certo se esta obra é um romance histórico, biografia romanceada ou um romance reportagem. Ali podemos identificar vários

ISBN: 978-85-98711-10-2

eventos históricos importantes do passado recente de Angola narrados ao lado de personagens históricos que contracenam com outros personagens ficcionais.

Agualusa deixa claro seu esforço de evitar o apagamento da história, em um momento no qual se reclama a falta de informações e documentos sobre o história recente de Angola. Em seu romance essa responsabilidade recai sobre os membros do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e são eles que levantam os principais questionamentos sobre negritude e liberdade nessa obra.

Em *Estação das Chuvas,* Angola é inicialmente sonhada por um grupo de poetas idealistas, jovens conscientes do "papel messiânico" que assumiam: "Escrevemos para a história", diz Lídia, sua personagem principal, a certa altura. A poesia, porém, não dá conta dos intricados e violentos jogos políticos que se sucederão durante o romance.

O próprio Agualusa admite, numa de suas entrevistas em circulação na *internet*, haver recebido inúmeras informações e dados sobre a personagem principal do romance *Estação das chuvas*, o enredo reproduz, basicamente, a investigação do narrador sobre a vida de Lídia do Carmo Ferreira, desaparecida em 1992, pouco depois da primeira eleição de Angola, Lídia era historiadora e poeta que no processo de pós-colonização recusa essa identidade de negritude por achar que estava muito vinculada a este passado recente de Angola em relação a uma separação social da própria África.

No romance o método do narrador consiste em entrevistas com alguns personagens e, também, de muitas suposições, como o próprio chega a citar:" É assim, pelo menos, que eu imagino a cena (eu não estava lá)" (AGUALUSA, 2000, p. 22), afirma que o narrador assume assim os seus próprios limites em relação a sua investigação sobre a vida de Lídia.

O narrador por sua vez, se move na narrativa entre a temporalidade – passado e presente – e em espaços diferenciados, em busca de informações a respeito da protagonista. E é ele quem constrói a memória narrativa, dando vida à Lídia durante o romance; logo são as estratégias narrativas que levam os leitores a identificar as marcas da verdade histórica na obra ficcional, reconhecendo assim Lídia como uma personagem.

ISBN: 978-85-98711-10-2

No decorrer do romance o jornalista é, de certa forma, como um historiador, pois ele está consciente que o passado contém muito de inventado e que a verdade será sempre parcial. Assim, Lídia reflete sobre seu próprio tempo: ”era uma mar profundo o e transparente e estava cheio de umas criaturas lentas, que pareciam feitas da mesma luz melancólica que há nos crepúsculos” (AGUALUSA, 2000, P.17). O país comemorava a libertação e ela permanecia estagnada em seu quarto a criar versos: “Lá fora a vida acontece”, escreveu. Riscou a frase e voltou a redigir: “Lá fora a vida acontece / em seu inteiro e bruto esplendor.” (AGUALUSA, 2000, P.19).

Este texto pretendeu compreender a interseção entre literatura e história em busca de elementos que pudessem nos ajudar na reflexão das culturas contemporâneas atingidas pelos processos de colonização. Para isso nossa reflexão teve como foco a questão: o papel da literatura como saber que constrói estratégias de ação narrativa que instauram ordens de sentidos e representações sobre o vivido e a história, ciência por excelência que busca compreender as relações dos homens no tempo. Como elemento de unificação para ambos, escolhemos estudar a obra do escritor angolano, José Eduardo Agualusa, escritor contemporâneo que vem se notabilizando por escrever história em que a problemática da pós-colonialismo se tornou tema central.

Em seus livros nos sugere uma conexão entre os continentes (África, América e Europa) provavelmente porque sua própria identidade seja uma espécie de conexão entre os três, posto que, suas raízes espalham-se entre Brasil, Angola e Portugal. Agualusa consegue assim, realizar uma literatura de fronteira, mas que unifica problemas próprios de países descolonizados como é Brasil e Angola. Suas histórias tentam traduzir, a partir do potencial narrativo ficcional que suas obras permitem, não apenas uma conexão entre estes países, mas também, entre seus passados e o presente. Elementos que procura construir e discutir em cada um de seus romances. Os personagens em trânsito exemplificam a situação de seu criador, sujeito que circula entre Lisboa e Luanda e Rio de Janeiro, tem parentes em São Paulo e já viveu no Recife.

Seus deslocamentos lhe propiciaram desenvolver um estilo peculiar, que mistura brasileirismos e a gíria urbana de Luanda de forma a sugerir que em mundos periféricos pós-colonizados, todos podem se entender, ou quem sabe, compreender suas

ISBN: 978-85-98711-10-2

diferenças a partir do contato às vezes nada cordial entre seus vários grupos. Mas isso é somente seu mote inicial, porque ao nos debruçamos sobre suas histórias perceberemos que mais do que semelhanças entre as três "culturas" encontraremos deslocamentos que ora gritam, ora silenciam.

Tal qual a osga branca, personagem de seu mais famoso livro publicado no Brasil, *O Vendedor de passados*, que passava os dias grudada na parede da casa de seu anfitrião, o Albino Félix Ventura, traficante de passados, Agualusa também parece ser o observador atento desse mundo múltiplo e complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. Estação das Chuvas. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2000.

AGUALUSA, José Eduardo. O Vendedor de Passado. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2004.

PRATT, Mary Louise. Literatura e História; Perspectivas e Convergência. Bauru SP: Editora Edusc, 1999.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

CARTEAU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitário, 2002.

DURVAL, Munis de Albuquerque Junior. História : A Arte de Inventar o Passado. Bauru SP: Editora Edusc, 2007.

BANN, Stephen. ***As invenções da História. Ensaios sobre a representação do passado***. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

BODEI, Remo. ***A História tem um Sentido?.*** Bauru - São Paulo: Edusc, 2001.

_____. ***Livro da Memória e da Esperança***. Bauru - São Paulo: Edusc, 2004.

BOURDIEU, Pierre. ***O Poder Simbólico***. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. ***Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação***. Campinas, Revista Opinião Pública, vol VIII, no. 1, 2002.pp. 40-53.

ISBN: 978-85-98711-10-2

CATROGA, Fernando. ***Memória e História*** in PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel. ***A Escrita da História***. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. ***A Invenção do cotidiano – artes de fazer***. vol 1, São Paulo: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger, ***O Mundo Como Representação.*** Estudos Avançados, Número 11, v. 5, 1991.

_____. ***Práticas de Leitura.*** Brasília: Estação Liberdade, 1996.

_____. ***Forma e Sentido, cultura Escrita: entre distinção e apropriação.*** Campinas SP: Mercado das Letras, 2003.

DARNTON, Robert. ***Os best-sellers proibidos da França Revolucionária.*** São Paulo: Cia das Letras, 1998.

JENKINS, Keith**. *A História Repensada.*** São Paulo: Edita Contexto, 2001.

MENESES, Sônia. ***Os historiadores e os "fazedores de História": lugares e fazeres na produção da memória e do conhecimento histórico contemporâneo a partir da influência midiática***. Rev. OPSIS. v. 7, no. 09, julho/dez 2007. Goiânia. UFG. 2007

_____. ***As Faces de Hécate: Literatura, Mídia e História*** formas narrativas na produção do acontecimento na sociedade contemporânea. Santa Catarina, Rev. Estudos em Jornalismo e Mídia. (UFSC), 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. ***Da utilidade e desvantagem da história para a vida.*** Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

RICOEUR, Paul. ***Tempo e Narrativa***. Tomos I, II, III, São Paulo: Papirus Editora, 1997.

STONE, Lawrence. ***O Ressurgimento da Narrativa - reflexões sobre uma nova velha história.*** Tradução do texto original publicado em Past and Present, no. 85 nov 1979, pp 3-24.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI – no loop da montanha russa.** São Paulo, Cia das Letras. 2006.

_____. **Mcluhan assombra ao Rei**. Folha de São. Mais! 23/02/1997.